

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

A Embriagues da Primavera

O Ankus do Rei



Rudyard Kipling

7

Esta é mais uma publicação

**TAFARA**

## **SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL**

### **Volume 7**

### **- A Embriaguês da Primavera**

### **- O Ankus do Rei**

1a. Edição: 500 exemplares

Autor: Rudyard Kipling

Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura

Coordenação: Mario Henrique P. Farinon

Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito

Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2003

#### **EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003**

Diretoria  
Diretoria  
Diretoria  
Diretoria  
Diretoria

Mario Henrique Peters Farinon  
David Crusius  
Márcio Sequeira da Silva  
Ronei Castilhos da Silva  
Osvaldo Osmar Schorn Correa

#### **EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006**

Diretoria  
Diretoria  
Diretoria  
Diretoria  
Diretoria

Ronei de Castilhos da Silva  
Neivinha Rieth  
Waldir Sthalscmidt  
Paulo Roberto da Silva Santos  
Leandro Balardin

#### **COMITÊ GESTOR**

Carlos Alberto de Moura  
Marco Aurélio Romeu Fernandes  
Mario Henrique Peters Farinon  
Miguel Cabistani  
Paulo Lamego  
Paulo Ramos  
Paulo Vinícius de Castilhos Palma  
Siágrio Felipe Pinheiro  
Tania Ayres Farinon



## APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado **TAFARA CAMP**, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão “disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil”.

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo **TAFARA** para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que **TAFARA** se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por **TAFARA** é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho e reproduz duas histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

Mario Henrique Peters Farinon  
Diretor Presidente UEB/RS



## A EMBRIAGUES DA PRIMAVERA

O homem ao homem! É o desafio da Jângal!  
Já parte aquele que foi nosso irmão.  
Ouvi, então, julgar, ó vós, gente da Jângal  
Respondei: Quem irá detê-lo então?

O homem ao homem! Ele soluça na Jângal!  
O nosso irmão se aflige de males supremos.  
O homem ao homem! Nós o amamos na Jângal!  
Este é o seu trilho e nós não mais o seguiremos.

Dois anos depois da morte de Akela na grande luta com os dholes do Dekkan, completou Mowgli dezessete anos. Parecia mais velho, porque o intenso exercício, a forte alimentação e os banhos freqüentes lhe haviam dado força e desenvolvimento muito

acima da idade. Mowgli podia manter-se pendurado dum galho por uma só das mãos durante meia hora; podia deter um gamo a meio galope, ou derribá-lo com uma torcida de cabeça; podia ainda cavalgar os enormes javardos cinzentos que vivem nos pantanais do norte. O Povo da Jângal, que já o temia pela sua astúcia, passou a temê-lo pela sua força - e quando Mowgli cortava a mata cuidando da vida, a sua mera aproximação fazia os carreiros desertos. Não obstante tinha o olhar sempre bondoso. Ainda quando lutava, seus olhos não ardiam em chamas, como os de Bagheera; apenas mostravam-se mais interessados e excitados - coisa que a pantera não podia compreender. Certa vez interpelou-o sobre isso. O rapaz respondeu sorrindo:

- Quando erro um golpe, enfureço-me. Quando passo dois dias sem comer, sinto cólera terrível. Nada dizem meus olhos?

- A boca mostra-se colérica, respondeu Bagheera, mas não os olhos. Caçando, comendo ou nadando, jamais teus olhos mudam - como pedra à chuva e ao sol.

Mowgli fixou na pantera os olhos escurecidos pelas sobranceiras fortes, e, como sempre, a cabeça de Bagheera baixou. Mowgli dominava-a.

Estavam os dois deitados na encosta dum morro que vertia para o Waingunga. A neblina da manhã esfumava-lhes na frente a paisagem verde. Quando o sol se ergueu, a névoa transformou-se em fantástico oceano de ouro transfeito em espuma solta no ar - e através dos seus rasgões, raios de luz vinham viver as folhas secas sobre as quais Mowgli e Bagheera repousavam. Era pelo fim do inverno; árvores e folhas cochilavam, cansadas e mortíferas, e onde quer que o vento perpassasse, sons de coisas secas se erguiam. Uma folhinha colhida isolada em corrente de ar tap-tap-tapeava furiosa contra um galho resseco. O rumor iterativo atraiu a atenção de Bagheera, que aspirou profundamente o ar vivo da manhã e, caindo de costas, derrubou com um tapa a folhinha inquieta.

- Tudo começa a mudar, disse ela. A Jângal renasce. O Tempo das Falas Novas vem chegando. Esta folhinha sabe disso.

- As ervas estão secas, observou Mowgli arrancando um tufo. O próprio Olho da Primavera (pequena flor vermelha, em forma de trombeta, que abre na macega) - o próprio Olho da Primavera está fechado. Mas, Bagheera, fica lá bem à Pantera Negra deitar-se assim de costas e dar tapas de gato em folhinhas no ar?

- Aowh? fez Bagheera, absorta, com o pensamento longe dali.

- Eu disse: ficará bem à Pantera Negra bocejar assim e brincar deitada de costas? Lembrete de que somos os Senhores da Jângal, tu e eu.

- Realmente, respondeu a pantera, sentando-se, com os negros flancos arrepiados e sujos de terra (Bagheera estava em muda de pêlo). Somos, sim, os Senhores da Jângal! Quem mais forte do que Mowgli? Quem mais astuto?

Uma curiosa inflexão na voz da pantera fez o rapaz voltar-se de brusco para ver se ela estava mofando dele, porque a Jângal anda sempre cheia de palavras que soam uma coisa e dizem outra. A pantera explicou-se.

- Eu afirmei que somos os Senhores da Jângal. Estarei errada? e notando o alheamento de Mowgli: Não sabia que o Filhote de Homem já se tinha erguido. Voa ele agora?

Sentado com os cotovelos nos joelhos, Mowgli contemplava com deleite o vale semidesperto. Um pássaro lá embaixo trinava as primeiras notas, ainda incertas, do canto que iria cantar na primavera. Embora êsse canto ainda fosse sombra do que ia ser, a pantera reconheceu-o.

- Eu não disse que o Tempo das Falas Novas vem próximo? lembrou ela com um meneio de cauda.

- Já sei, falou Mowgli. Mas por que, Bagheera, te remexas toda? O sol já está quente.

- É Ferao, o Pica-pau Escarlata, respondeu Bagheera, sem atender à pergunta, «Ele» não esqueceu. Ora, eu também preciso recordar meu canto - e pôs-se a ronronar para si própria, e a trautear, sempre mostrando-se desagradada do que saía.

- Não há nenhuma caça em movimento hoje, observou Mowgli.

- Irmãozinho, estarão teus «dois» ouvidos tapados? Isto que canto não é palavra de caça, mas canto que quero ter pronto para a primavera.

- Tinha-me esquecido. Reconheço muito bem a chegada do Tempo das Falas Novas, estação em que tu e os mais correiros para longe deixando-me sozinho, respondeu Mowgli queixoso.

- Espera, Irmãozinho - nós nem sempre...

- Sim, sempre! gritou Mowgli espichando o dedo colérico. Vós debandais e eu, o Senhor da Jângal, tenho de viver sozinho. Como foi na primavera passada quando eu quis colher cana doce das roças da Alcatéia dos Homens? Mandei um mensageiro ao encontro de Hathi - mandei-te a ti, Bagheera, pedir-lhe que viesse tal noite arrancar-me as canas com a tromba.

- E ele veio duas noites mais tarde, observou a pantera um pouco vexada, e dessa planta doce que tanto te agrada arrancou mais do que a pode chupar um filhote de homem durante todas as noites da estação chuvosa. A culpa da demora não foi minha.

- Ele não veio na noite que marquei. Ficou a trombetear e a rugir pelos vales, ao clarão da lua. Ficou a dançar diante das casas da aldeia. Eu o vi - e no entanto Hathi não acudiu ao meu chamado. E sou o Senhor da Jângali...

- Era Tempo de Falas Novas, explicou a pantera sempre humilde. Quem sabe, Irmãozinho, se te esqueceste de o chamar com a palavra própria? Bah! Deixemos isso. Ouve o ensaio de canto de Ferao e alegra-te.

O mau humor de Mowgli evaporou-se. Mesmo assim permaneceu de cabeça apoiada nas mãos e olhos cerrados.

- Não sei, nem se me dá sabê-lo, murmurou por fim, sonolento. Vamos dormir, Bagheera; sinto o estômago pesado. Faze-me um travesseiro para a cabeça.

A pantera deitou-se com um suspiro, porque continuava a ouvir a voz de Ferao em ensaios do seu canto para o Tempo das Falas Novas, como dizem da Primavera.

Na Jângal indiana as estações se sucedem sem transição. Parecem duas apenas - a da seca e a das águas; mas se observardes com atenção os aguaceiros ou as nuvens bochornais de pó, vereis que as quatro se sucedem de modo regular. Nenhuma tão maravilhosa como a primavera, porque não vem revestir a natureza queimada e nua de novas flores e folhas e sim dar alento ao novo verde que sobreviveu aos rigores do inverno, fazendo que a terra cansada e murcha se sinta lépidamente moça outra vez. E tão bem realiza isto, que primavera nenhuma no mundo se compara à indiana.



Um dia chega em que todas as coisas se mostram cansadas; até os odores boiantes no ar parecem velhos e gastos. Ninguém o explica, mas todos o sentem. Outro dia - e sem que os olhos percebam a mudança - os aromas sabem a novo - e então as cerdas do Povo da Jângal vibram em suas raízes e o pêlo incubado durante o inverno rompe macio. Se pequena chuva cai, todos os arbustos e árvores e bambus e musgos e plantas de folhas carnudas despertam com um rumor de crescimento de quase ouvir-se, e esse rumor faz-se dia e noite, zoada contínua. O som, a voz da primavera - vibração especial que não é de abelha, nem de cascata, nem de brisa nas frondes, mas sim felino ronronar da natureza bem conchegada.

Até aquele ano sempre se deleitara Mowgli com o retorno das estações. Era ele quem primeiro descobria o primeiro Olho da Primavera aberto no fundo dos ervaçais e quem primeiro distinguia as primeiras nuvens da estação - nuvens que valem tudo na Jângal. Sua voz era ouvida em toda a sorte de lugares úmidos e ricos de pétalas, a fazer cor com as enormes rãs ou a imitar com mofa o pio das corujas nas noites brancas. Como para todos os mais, a primavera constituía para ele o tempo próprio para a expansão máxima da atividade - correr, pelo mero prazer de correr - correr no ar momo trinta, quarenta milhas, de madrugada à noite, e voltar ofegante, rindo-se engrinaldado de flores raras. Seus quatro companheiros lobos não o seguiam nessas selvagens incursões pela Jângal; preferiam ficar uivando cantos com os outros lobos. O Povo da Jângal está constantemente ocupado na primavera; Mowgli via-os sempre rosnando, uivando, gritando, piando, silvando, conforme a espécie de cada um. Suas vozes mostram-se diferentes então - e por isso a primavera na Jângal é chamada o Tempo das Falas Novas.

Mas naquela estação o «estômago» de Mowgli estava mudado, como o percebera a pantera. Desde que os brotos de bambu começaram a pintalgar-se de sépia pôs-se ele a esperar pela manhã em que os cheiros mudam. Quando essa manhã chegou e Mor, o Pavão, todo bronzes, todo azuis e ouros, principiou a grasnar na mata úmida e Mowgli abriu a boca para lhe responder, as palavras embaraçaram-se-lhe nos dentes e uma sensação de pura infelicidade o invadiu do dedo dos pés à ponta da grenha - sensação de tal modo forte que o rapaz julgou ter pisado em espinho. Mor cantava os aromas novos; outros pássaros retomaram o mote e das rochas beirantes ao Waingunga veio o áspero ronco de Bagheera - mistura de relincho de cavalo e grito de águia. Na galhaça acima de sua cabeça, toda brotos e botões, chiou um rebuliço de barulhentos «Bandar-log». No entanto Mowgli ficou onde estava, com o peito ainda cheio de fôlego que tomara para responder ao canto de Mor - fôlego que logo se perdeu como se o ar fosse expulso por aquele estranho sentimento de infelicidade.

Olhou em redor de si: só viu os «Bandar-log» chasqueadores aos pulos nos galhos e lá adiante Mor, no pleno esplendor de sua cauda aberta inteira.

- Os cheiros mudaram! gritou Mor, Boa caçada, Irmãozinho! Por que demora tua resposta?  
- Irmãozinho, boa caçada! piaram Chil, o Abutre e a companheira e descaíram em vôo rapidíssimo para esfrolar com as penas a face do rapaz.

Leve chuva de primavera - chuva de elefante chamada - caiu sobre a Jângal numa área de milha de largo, deixando as folhas a reluzirem para trás e indo morrer em brando trovejar num duplo arco-íris. A zoada da primavera esmoreceu por instantes e no silêncio feito viu Mowgli que com exceção sua toda a Jângal estava dando à língua.



- Comi bem, disse o rapaz a si próprio, bebi bem, minha garganta não arde ou aperta como quando mordi nas raízes manchadas de azul que Oo, a Tartaruga, me afirmou serem boas. Mas tenho o estômago pesado e tratei mal a Bagheera e outros. Ora me sinto quente, ora frio; ora nem quente nem frio, mas apenas furioso contra não sei quê. Huhu! É tempo de dar minha carreira. Esta noite cruzarei as montanhas; sim, darei uma corrida de primavera até aos pantanais do Norte, ida e volta. De há muito que caço sem esforço - isto enerva. Os Quatro irão comigo, porque andam também eles a engordar com saltõezinhos brancos.

Mowgli chamou-os. Nenhum respondeu. Estavam fora do alcance da sua voz, uivando cantos da primavera - o Canto da Lua e do Sambhur - lá com os demais lobos da Alcatéia; nessa estação o Povo da Jângal faz muito pouca diferença entre o dia e a noite. Mowgli desferiu a aguda nota do ladrado de chamada, mas teve como resposta única o miado irônico do gato malhado das árvores, que marinava pelos galhos em procura de ninhos. O rapaz enfureceu-se a ponto de sacar a meio a faca. Depois empertigou-se, insolente, embora não houvesse ninguém a observá-lo e desceu o morro de queixo para cima e sobranceiras para baixo. Não havia ninguém e pois ninguém lhe perguntou

coisa nenhuma. Todos da Jângal estavam muito ocupados consigo próprios.

- Sim, rosou Mowgli, embora soubesse lá por dentro que não tinha razão. Os dholes que desçam do Dekkan, a Flor Vermelha que venha dançar nos bambuais - e toda a Jângal correrá para Mowgli aos uivos, chamando-lhe nomes do tamanho de Hathi. Agora, porém, só porque o Olho da Primavera abriu e Mor exhibe suas pernas em danças da estação, a Jângal mostra-se louca como Tabaqui... Pelo Touro que me comprou, sou ou não sou o Senhor da Jângal? Silêncio... Que fazeis aí?

Dois lobos novos trotavam perto em procura de clareira onde pudessem lutar (a Lei da Jângal proíbe lutas à vista dos outros). Tinham as cerdas da nuca arrepiadas como agulhas, e latiam, furiosos, na ânsia do primeiro encontro. Mowgli saltou-lhes à frente e, agarrando-os pela garganta, jogou cada qual para um lado, certo de que os lobinhos se afastariam sem briga, como tantas vezes acontecera. Mowgli esquecia-se da primavera. Os lobinhos encontraram-se de novo logo adiante e sem perda de tempo se engalfinharam.

De faca em punho e dentes à mostra, Mowgli ia-os matar a ambos naquele momento pela simples razão de que lutavam e ele os queria quietos, embora seja da Lei que todos os lobos têm o direito de lutar. Mowgli dançou na frente deles, de ombros arcados e mão crispada no cabo da faca, pronto para desferir duplo golpe. Súbito, o ímpeto da cólera arrefeceu. Sua força esvaiu-se. Baixou a faca; meteu-a na bainha.

- Com certeza comi veneno, soluçou por fim. Desde o tempo em que, armado da Flor Vermelha, rompi com o Conselho, desde que matei Shere Khan, nenhum lobo da Alcatéia jamais me desobedeceu - e estes nascidos ontem o fizeram! Minha força fugiu de mim; parece que vou morrer. Oh, Mowgli, por que não matas aos dois?

A luta dos lobinhos continuou até que um fugiu. Mowgli ficou só na arena revolta e manchada de sangue, olhando para a faca, para seus braços e pernas enquanto o jamais sentido sentimento de infelicidade o cobria inteiro, como a água cobre um tronco de pau imerso.

Mowgli caçara cedo aquela tarde, mas comera pouco a fim de estar em boas condições para a corrida. Também comeu só, porque todo o Povo da Jângal andava disperso por longe, lutando e cantando. Corria uma perfeita noite branca, como lá dizem. Todas as coisas verdes pareciam crescidas de um mês em horas. Frondes na véspera amarelecidas espirravam agora seiva, se se lhes partia um galho. Os musgos encrespavam-se espessos e macios sob seus pés; os capins ainda não tinham serrilha de navalha nas folhas; todas as vozes da Jângal ressoavam como harpa de cordas graves tangida pela lua - a Lua das Falas Novas, que derramava em cheio seus raios nas pedras e aguadas, que os esgueirava por entre troncos e cipós, que os subdividia por entremeio de milhões de folhas. Esquecido da sua infelicidade, Mowgli cantou alto, com puro deleite, ao pôr-se em marcha. Mais voava do que corria, pois escolhera como rumo o declive que através do coração da Jângal conduzia direto aos pantanais do Norte. O chão fofo lhe amortecia o choque dos pés. Um homem criado entre homens teria tropeçado e caído cem vezes, vítima das traições do luar; os músculos de Mowgli, porém, treinados por anos de experiência, levavam-no como se fosse pluma. Quando um tronco podre ou pedra oculta revirava ao contato de seus pés, ele saltava adiante, sem perda do ímpeto da corrida e sem esforço - por instinto ou hábito. Quando se aborrecia de caminhar pelo solo, marinava por cipós árvores acima - e então parecia flutuar antes que caminhar pelas estradas aéreas. Súbito, mudava de idéia e dum salto vinha de novo ao chão. Havia túneis silenciosos e de bafo quente, calçados de pedras úmidas, onde mal se respirava; havia avenidas escuras que o luar listrava de betas brancas; havia espessos onde a vegetação de rebrotos o envolvia e como que o abraçava pela cintura; havia topos coroados de pedras soltas que êle ia saltando com grande susto das raposas que entre elas aninhavam.

Se Mowgli ouvia longe o apagado «chag-drag» dum javardo a afiar as presas num tronco, lá corria a cruzar-se com o alentado bruto de boca espumante e olhos em fogo. Ou voava para onde vinha o som de cornos entrechocados entre grunhidos sibilantes - a ver de rente dois sambhurs que de cabeça baixa se entremarravam. Ou esgueirava-se a espiar na aguada Jacala, o Crocodilo, que muge como um touro. Ou desatava rapidíssimo o nó de serpentes engalfinhadas, sumindo-se na Jângal antes que o pudessem morder.

Assim correu ele aquela noite, às vezes gritando, às vezes cantando, e correu até que o cheiro das flores o avisou de que estava próximo dos pantanais, longe, muito longe da sua Jângal.

Lá também um homem criado entre homens ter-se-ia atolado de ponta-cabeça

aos primeiros passos; os pés de Mowgli, entretanto, tinham olhos, e passavam dum tufo de capim a outro, duma duna de turfa a outra, sem pedir ajuda aos olhos da cara. Correu assim até ao centro do pantanal, com esparramo das marrecas, e sentou-se num ressalto coberto de musgo emergente da água negra. O paul estava alerta em tomo dele, porque na primavera o Povo Alado dorme pouco e bandos de asas vão e vêm dentro da noite. Nenhuma só das aves, porém, deu tento de Mowgli - nenhuma o viu sentado entre as plantas aquáticas, a trautear cantigas sem palavras enquanto examinava os pés à cata dalgum espinho. Toda sua infelicidade de horas antes como que ficara atrás na Jângal. Súbito, quando iniciou um canto de garganta cheia, a infelicidade veio de novo dez vezes pior do que antes.

Desta vez Mowgli apavorou-se.

- Aqui também! gemeu alto. Veio atrás, acompanhou-me!... e espiou sobre os ombros se alguém o seguia. Ninguém. Os ruídos noturnos do pântano continuaram sem que nenhum animal ou ave lhe dirigisse a palavra. O seu sentimento de infelicidade cresceu.

- Comi veneno, sem dúvida! murmurou com voz quebrada de pânico. Despercebidamente comi veneno e minha força vai-se extinguindo. Tive medo - e não era «eu» quem tinha medo! Eu, Mowgli, tive medo, senti medo quando os dois lobinhos lutaram. Akela, ou mesmo Fao, os teria feito obedecer e no entanto eu, Mowgli, tive medo e não fui obedecido! Sinal seguro de que comi veneno... Mas que fazem eles na Jângal? Cantam, uivam, lutam, e correm em bandos ao luar - e eu - «Hai-mai»! - morro neste pântano do veneno que comi. Tão mortificado estava que por pouco não chorou.

- E depois, prosseguiu, eles me encontrarão estendido na água negra... Não! Não! Voltarei à minha Jângal para morrer na Roca do Conselho - e Bagheera, que tanto amo, se não andar por longe miando nos vales, talvez guarde meu corpo para que Chil não o use como usou o de Akela.

Lágrimas grossas e quentes rolaram sobre seus joelhos e, miserando como se sentia, Mowgli viu alguma felicidade em ser assim miserando - se podeis entender esta sorte de felicidade.

- Como Chil usou Akela na noite em que salvei o bando das garras dos dholes! repetiu. Depois calou-se uns instantes, a recordar as últimas palavras do Lobo Solitário. Akela disse-me antes de morrer coisas bem estranhas. Disse que... Não! Não! Não sou homem, não! Sou da Jângal!...

Na sua excitação, ao recordar a luta nos bancos de areia do Waingunga, escaparam à boca de Mowgli esse protesto e essa afirmativa em voz gritada. Uma búfala, longe, no ervaçal viçoso, ergueu-se nos joelhos e mugiu:

- Homem!

- Uhh! exclamou Mysa, o Búfalo Selvagem, despegando se com estrondo do seu lameiro. Não é homem, não, e sim o lobo pelado da Alcatéia de Seeonee. Em noites como esta costuma errar pela Jângal.

- Uhh! respondeu a búfala baixando de novo a cabeça para o capim. Julguei que fosse homem.

- Não é. Oh, Mowgli, estás em perigo? mugiu Mysa dirigindo-se ao rapaz.

- Oh, Mowgli, estás em perigo? repetiu este com sarcasmo. É tudo quanto Mysa pensa: perigo! Mas a quem importa o Mowgli que anda de lá para cá na Jângal à noite?
- Como está falando alto! observou a búfala.
- É assim que choram os que arrancam o capim mas não sabem comê-lo, explicou Mysa com desprezo.
- Por menos do que isto, gemeu Mowgli para si próprio, por menos do que isto nas últimas chuvas expulsei Mysa do seu lameiro e o fiz cruzar os pântanos em fuga louca.

Sua mão espichou-se para colhêr uma folha qualquer, parando a meio caminho. Mowgli suspirou. Mysa continuava a mascar seus capins em companhia da búfala.

- Não, não morrerei aqui berrou Mowgli com ímpeto. Mysa, que é do mesmo sangue de Jacala e o do porco, ver-me-ia morrer. Vou safar-me do pântano e ver o que acontece. Jamais corri uma corrida da primavera assim - com o corpo quente e frio a um tempo. Upa, Mowgli!

Mowgli não resistiu à tentação de cortar pelas moitas de Mysa e cutucá-lo com a ponta da faca. O enorme touro despegou-se da lama com estouro, enquanto o rapaz se ria à vontade.

- Conta agora que o lobo pelado de Seeonee já uma vez te farpeou, Mysa!
- Lobo tu? mugiu o touro chapinhando no lamaçal. Toda a Jângal sabe que foste pastor de gado manso. Tu, da Jângal? Que caçador da Jângal ter-se-ia esgueirado até aqui, qual cobra, e por brincadeira - brincadeira de chagal – me teria vexado diante da companheira? Vem para terreno firme que eu. . . que eu.

Mysa espumjava de cólera, pois era talvez o animal de pior temperamento da Jângal. Mowgli viu-o em ponto de explosão, com aqueles olhos que nunca mudam. Quando pôde fazer-se ouvido, perguntou:

- Que antro de homens há aqui por perto, Mysa? Desconheço esta Jângal.
- Segue para o norte, rugiu o colérico búfalo, que havia sido espetado um tanto fundo. Vai para lá e conta aos da aldeia da tua má ação junto a esta búfala.
- A Alcatéia dos Homens não gosta de histórias da Jângal, nem penso eu, Mysa, que uma simples arranhadura em teu corpo seja matéria para reunião de Conselho. Mas irei ver a aldeia. Devagar! Devagar! Não é todas as noites que o Senhor da Jângal vem farpear-te!

Mowgli caminhou pela beirada do pântano, sabendo que Mysa nunca o atacaria ali, e seguiu rindo-se da cólera do touro.

- Minha força não se foi de todo, disse consigo. O veneno ainda não alcançou o osso. Lá está uma estrela bem baixa!...

Mowgli olhou-a pelo canudo da mão.

- Pelo Touro que me comprou! É a Flor Vermelha - a Flor Vermelha que deixei atrás de mim quando me mudei para a Alcatéia de Seeonee. Agora, que a vejo de novo, vou pôr fim à minha corrida.

O pântano dava para uma dilatada planície onde outras luzes piscavam. Muito tempo fazia que Mowgli se desapegara dos homens, mas naquela noite a Flor Vermelha o atraíu.

- Irei ver se a Alcatéia dos Homens mudou, disse ele.

Esquecido de que não estava na sua Jângal, onde podia fazer o que quisesse, Mowgli trotou descuidado pela macega úmida até alcançar a cabana donde vinha a luz. Três ou quatro cães latiram. Era nos subúrbios duma aldeia.

- Ho! fêz Mowgli sentando-se sem rumor após haver emitido um profundo uivo de lobo que fêz calarem os cães. O que está para vir, virá. Mowgli, Mowgli, que tens tu a fazer nos antros da Alcatéia dos Homens? e ao dizer isso esfregou os lábios no ponto em que uma pedra os alcançara, anos atrás, no dia em que o expulsaram da aldeia de Buldeo.

A porta da cabana abriu-se e uma mulher espiou no escuro. Dentro, uma criança rompeu em manha.

- Dorme, disse a mulher. Foi algum chagal que uivou para os cães. Dorme, que o dia não tarda.

Escondido na macega, Mowgli tremeu tremura de febre. Aquela voz! Aquela voz ele a conhecia! Mas para melhor se certificar, gritou baixinho, surpreso de ver como a língua dos homens lhe vinha fácil:

- Messua! Messua!

- Quem chama? indagou a mulher com voz trêmula.

- Já esqueceste? respondeu Mowgli de garganta apertada.

- Se és tu, que nome devo dar-te? Dize! Perguntou Messua com a porta entreaberta e uma das mãos no peito.



- Nathoo! respondeu Mowgli, pois, como todos sabem, foi esse o nome que lhe dera Messua quando o encontrou da primeira vez.

- Vem, meu filho! a mulher chamou - e Mowgli veio e pôs os olhos na que tinha sido boa para ele e que ele salvara da sanha dos da aldeia. Estava mais velha, com os cabelos grisalhos, mas sem mudança nos olhos nem na voz. Feminilmente Messua esperara encontrar Mowgli como o deixara e seus olhos espantavam-se de ver um homem feito, cuja cabeça batia no portal.

- Meu filho! murmurou tonta; e depois, num deslumbramento: Mas não é meu filho. É um deus da Jângal! Ai!

De pé, ao clarão da lâmpada, forte, alto e belo, os longos cabelos negros a lhe caírem sobre os ombros e a cabeça coroada de jasmims, Mowgli podia realmente ser tomado por um deus da Jângal. A criança meio adormecida no catre próximo ergueu-se e gritou apavorada. Messua foi sossegá-la, enquanto Mowgli, de pé olhava para as vasilhas d'água e panelas, bancos e mais tralha doméstica, de que se recordava muito bem.

- Que queres tu, comer ou beber? sussurrou Messua. Tudo aqui é teu. A ti devemos nossas vidas. Mas és mesmo aquêla a quem chamávamos Nathoo ou és um deus da Jângal?

- Sou Nathoo, respondeu Mowgli. Alonguei-me muito da minha Jângal, vindo aos pântanos. Avistei luz de longe e aqui estou. Não sabia quem morava nesta cabana.

- Depois que viemos para Khanhivara, disse Messua timidamente, os ingleses quiseram ajudar-nos contra a gente perversa da outra aldeia, lembras-te?

- Nunca me esqueci.

- Mas quando a Lei Ingêsa ia agir e voltamos com ela para a aldeia da gente que nos quis queimar nada mais encontramos.

- Também disso me recordo, murmurou Mowgli com um frêmito nas narinas.

- Meu homem, então, começou a trabalhar nestes campos e finalmente - porque era de fato homem rijo - adquirimos um pouco de terra. O lugar não era rico e fértil como lá, mas necessitávamos de pouco, nós dois sós.

- Onde está ele, o homem que cavava no chão naquela noite de medo?

- Morreu faz um ano.

- E este menino?

- Meu filho, nascido duas chuvas passadas. Se tu és um deus, dá-lhe o Favor da Jângal para que sempre esteja seguro no meio do teu... do teu povo - como nos sentimos seguros no dia da fuga.

Messua ergueu nos braços a criança que, esquecida do medo, procurou brincar com a faca que pendia do peito de Mowgli.

- E se és o meu Nathoo que o tigre raptou, prosseguiu Messua, tens nele teu irmão mais novo. Dá-lhe tua bênção de irmão mais velho.

- «Hai-maij» Que sei eu disso que chamas bênção? Não sou nem um deus, nem seu irmão e... Mãe, mãe, meu coração está pesado dentro de mim!...

- É febre, disse Messua. Isso vem de andares pelo pantanal à noite. A febre te penetrou até ao tutano dos ossos.

Mowgli sorriu à idéia de que qualquer coisa na Jângal lhe pudesse causar dano.

- Farei fogo e te darei a beber leite quente. Tira da cabeça a coroa de jasmíns; o cheiro é muito forte para esta salinha tão pequena.

Mowgli sentou-se, murmurando coisas para si, com o rosto nas mãos. Sensações jamais sentidas o invadiram, exatamente como se estivesse envenenado. Bebeu o leite morno em tragos lentos, enquanto Messua a espaços lhe batia no ombro, mal segura ainda de que fosse Nathoo ou algum maravilhoso gênio da Jângal, embora contente de verificar que pelo menos de carne ele era.

- Filho, disse-lhe por fim com os olhos brilhantes de orgulho, ainda ninguém te falou que és o mais belo dos homens?

- Hah? exclamou Mowgli, que naturalmente jamais ouvira uma opinião a seu respeito.

Messua sorriu, carinhosa e feliz. Olhar para ele lhe era a felicidade.

- Sou então a primeira criatura que te diz isso? Bem. Embora as mães sempre digam lindas coisas dos seus filhos, tu és realmente belo. Nunca meus olhos viram um homem como tu!

Mowgli torceu a cabeça e procurou ver-se a si próprio, ombro abaixo.

Messua riu tanto que ele, sem saber por que, riu também - e a criança foi de um para outro igualmente a rir.

- Não te rias de teu irmão, disse-lhe Messua aconchegando-a ao peito. Quando fores metade tão belo quanto ele, casar-te-ei com a filha mais moça dum rajá - e passearás montado em elefantes.

Mowgli não entendeu mais que uma de cada três palavras ditas por Messua. O leite quente começou a fazer efeito em seu organismo cansado da dura corrida. Mowgli deitou-se e instantes depois mergulhava em profundo sono. Messua, feliz, afastou-lhe os cabelos da testa e agasalhou-o. Dormiu ele à moda da Jângal, toda a noite e todo o dia seguinte; seu instinto o advertira de que nenhum perigo o ameaçava ali. Despertou finalmente e dum salto que estremeceu a cabana: o lençol com que Messua o cobrira fizera-o sonhar de trapas e mundéus. Despertou de faca na mão, pronto para a luta.

Messua sorriu e depois diante dele a refeição da tarde, composta de bolos cozidos e um pouco de tamarindo em conserva - o necessário para lhe escorar o estômago até à hora da caçada noturna. O cheiro que vinha dos pantanais fazia-o faminto e inquieto. Mowgli precisava terminar sua corrida da primavera, mas a criança insistia em sentar-se-lhe nos joelhos e Messua quis pentear-lhe a cabeleira. E cantou antigas ingênuas enquanto o penteava, ora chamando-lhe seu filhinho, ora implorando-lhe que desse à criança um pouco do seu prestígio na Jângal. A porta da cabana estava fechada, mas Mowgli ouviu fora um som muito seu conhecido que fez o queixo de Messua cair de medo. Peluda pata se introduziu por debaixo da porta.

- Espera, Irmão Gris. Tu não vieste quando te chamei, disse-lhe Mowgli na linguagem da Jângal sem voltar o rosto. A pata do lobo desapareceu de sob a porta.

- Não tragas nunca os teus companheiros, sim? pediu Messua tímida. Eu... nós sempre vivemos em paz com a Jângal.

- E em paz viverá, disse Mowgli erguendo-se. Lembras-te daquela noite no caminho de Khanhivara? Havia dezenas e dezenas de animais como este, adiante e atrás de ti. Mãe, já me vou.

Messua pôs-se ao lado de Mowgli humildemente – na realidade era ele um deus da Jângal! Mas quando o viu abrir a porta para ir-se, a mãe que havia dentro dela a fez abraçá-lo várias vezes.

- Volta, sim? pediu com carinho. Filho ou não filho, volta, porque eu te amo. Olha, também ele sente...

A criança chorava ao ver que o homem da linda faca saía.

- Volta outra vez, repetiu Messua. De dia ou de noite esta casa estará sempre de porta aberta para ti.

A garganta de Mowgli, apertou-se. Sua voz parecia como que arrancada à força quando respondeu: Sim, voltarei.

- E agora, murmurou depois que saiu, tenho minhas contas a ajustar contigo, Irmão Gris. Por que vós quatro não viestes quando vos chamei, há tanto tempo?

- Tanto tempo? Foi ontem! Eu..., nós estávamos cantando na Jângal os novos cantos, porque o Tempo das Falas Novas é chegado. Não te lembras?

- É verdade, é verdade...

- E logo que os cantos foram cantados, prosseguiu o Lobo Gris com vivacidade, segui teu rasto. Passei na frente dos outros e vim até cá. Mas, ó Irmãozinho, que te aconteceu que estás de novo comendo e dormindo na Alcatéia dos Homens?

- Se tivesses vindo quando te chamei, isto nunca se daria, respondeu Mowgli apressando o passo.

- E agora, como será? perguntou o lobo.

Mowgli ia responder, quando uma rapariga trajada de branco surgiu no caminho que ia ter à aldeia. O Lobo Gris imediatamente se escondeu, ao passo que Mowgli saltava para dentro dum milharal viçoso. A rapariga, surpresa, deu um grito. Depois suspirou. Mowgli seguiu-a com os olhos por entre os talos de milho até que seu vulto se perdeu ao longe.

- E agora? Agora não sei... respondeu finalmente ao lobo, também suspirando. «Por que não vieste quando te chamei?

- Nós te seguimos..., nós te seguimos, murmurou o lobo lambendo-lhe o calcanhar. Nós te seguimos sempre – exceto na Tempo das Falas Novas.

- E me seguiríeis na Alcatéia dos Homens também?

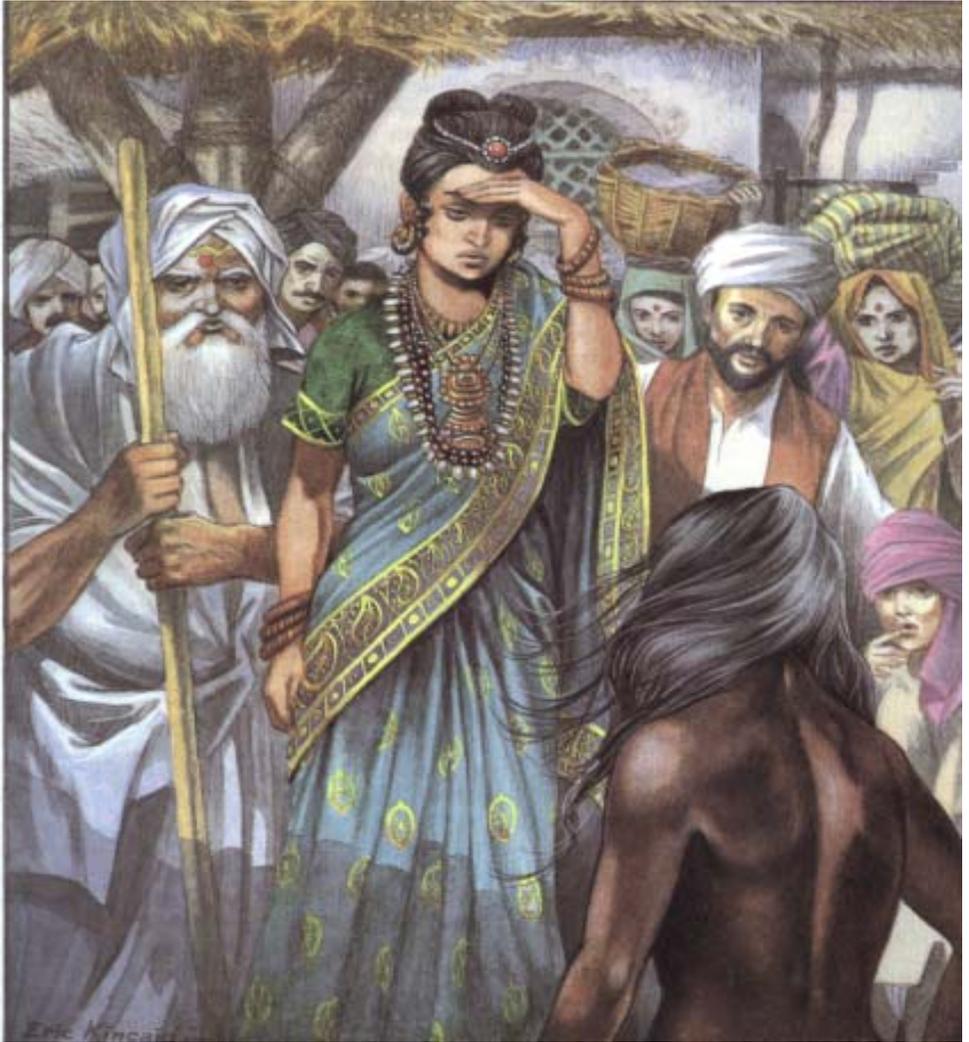
- Não o fizemos na noite em que os de Seeonee te expulsaram do bando?

Quem te despertou quando dormias no meio das roças?

- Sim, mas me seguiríeis de novo?

- Não te segui eu esta noite?

- Mas me seguiríeis sempre, sempre, sempre, e outra vez e outra vez, e outra vez, Irmão



Gris?

O lobo calou-se por uns instantes. Quando de novo abriu a boca foi para dizer a si próprio:

- O Lobo Negro falou verdade...
- E disse que...
- ... que o homem volta para o homem, no fim Raksha, nossa mãe, também o disse.
- E Akela também, na noite do ataque dos dholes, acrescentou Mowgli.
- E também Kaa, a Serpente, que possui mais sabedoria do que todos nós.
- E tu, Irmão Gris, que dizes tu?
- Eles já te expulsaram uma vez com feios insultos. Eles te feriram nos lábios com pedras. Eles mandaram Buldeo matar-te\_ Eles queriam lançar-te na Flor Vermelha, Tu, e não eu,

disseste que eles eram maus e insensatos. Tu, não eu - eu sigo meu próprio povo - foste admitido na Jângal por causa deles. Tu, não eu, compuseste cantos contra eles, ainda mais amargos do que os nossos contra os Cães Vermelhos.

- Pára! Pergunto o que dizes!

Iam conversando enquanto corriam. O Lobo Gris ficou uns instantes calado; depois falou:  
- Filhote de Homem, Senhor da Jângal, Filho de Raksha. Meu Irmão da Caverna: embora eu fraqueie nas primaveras, o teu caminho é o meu caminho, o teu antro é o meu antro, a tua caça é a minha caça e a tua luta de morte será a minha luta de morte. Falo por mim e pelos outros três. Mas que irás dizer à Jângal?

- Bem pensado. Vai e reúne o Conselho na Roca, que quero dizer a todos o que tenho no estômago. Mas talvez não compareçam: no Tempo das Falas Novas todos se esquecem de mim...

- Só isso? gritou o lobo, pondo-se em marcha e afastando-se do pensativo Mowgli.

Em qualquer outra estação aquela novidade teria reunido na Roca todo o Povo da Jângal - mas era o Tempo das Falas Novas e andavam dispersos, caçando, lutando, cantando, matando. De um para outro corria o Lobo Gris com a nova:

- O Senhor da Jângal volta para os homens!

E os animais felizes respondiam:

- Retornará pelos calores do verão, quando vierem as chuvas. Vem cantar conosco, Irmão Gris.

- Mas o Senhor da Jângal volta para os homens! Repetia aflito o lobo.

- Eee-Yoawa? O Tempo das Falas Novas perde alguma coisa com isso? respondiam-lhe.

Desse modo, quando Mowgli, de coração pesado, chegou à Roca, onde, anos atrás, fora trazido ao Conselho, apenas encontrou os Quatro, Baloo que já estava quase cego e a pesada Kaa enrodilhada sobre a laje de Akela.

- Termina então aqui teu caminho, Homenzinho? perguntou a serpente logo que Mowgli se sentou, com as faces nas mãos. Grita o teu grito! Somos do mesmo sangue, eu e tu - homens e serpentes!

- Por que não morri nas garras dos dholes? gemeu Mowgli. Minha força esvaiu-se e não foi veneno. Dia e noite ouço um passo duplo no meu rasto. Quando volto a cabeça, sinto que alguém se esconde de mim. Procuo por toda a parte, atrás dos troncos, atrás das pedras, e não encontro ninguém. Chamo e não tenho resposta, mas sinto que alguém me ouve e se guarda de responder. Se me deito, não consigo descanso. Corri a corrida do primavera e não sosseguei. Banho-me e não me refresco. O caçar enfada-me. A Flor Vermelha está a arder em meu sangue. Meus ossos viraram água. Não sei o que sei...

- Para que falar? observou Baloo lentamente, voltando a cabeça para onde estava Mowgli. Akela disse, perto do rio, que Mowgli levaria Mowgli para a Alcatéia dos Homens outra vez. Também eu o disse, mas quem ouve a Baloo? Bagheera - onde está Bagheera esta noite? - ela também o sabe. É da Lei.

- Quando nos encontramos nas Tocas Frias, Homenzinho, eu já o sabia, acrescentou Kaa, refazendo sua rodilha. Homem vai para os homens, embora a Jângal o não expulse.

Os quatro entreolharam-se e depois fixaram os olhos em Mowgli, intrigados e obedientes.

- A Jângal não me expulsa, então? sussurrou Mowgli.

O Irmão Gris e os Três uivaram furiosamente:

- Enquanto vivermos ninguém ousará...

Mas Baloo os interrompeu:

- Eu ensinei-lhe a Lei, disse. A mim cabe falar, e embora meus olhos não vejam a pedra que está perto, enxergam tudo quanto está longe. Râzinha, toma teu trilho; faz teu ninho com esposa do teu próprio sangue e de tua própria raça; mas quando necessitares pata, dente ou olho, lembra-te, Senhor da Jângal, que toda a Jângal acudirá ao teu apelo.

- Também a Jângal Média está contigo, disse Kaa. Falo por um povo muito numeroso.

- «Hai-mai», irmãos! exclamou Mowgli espichando os braços entre soluços. Eu não sei o que sei! Não vou, não vou, não quero ir, mas sinto-me arrastado por ambos os pés. Como poderei deixar de viver estas noites da Jângal?

- Ergue os olhos, Irmãozinho, disse Baloo. Não há mal nisso. Quando o mel está comido, abandonamos os favos.

- Depois que soltamos a pele velha não a podemos vestir de novo, ajuntou Kaa. É da Lei.

- Ouve, querido de todos nós, disse Baloo. Não há nem palavra nem querer aqui que te detenha entre nós. Ergue os olhos! Quem ousará interpelar o Senhor da Jângal? Eu te vi brincando no pedregulho, lá embaixo, quando não passavas de pequenina rã; e Bagheera, que te comprou pelo preço de um Touro gordo, viu-te também. Daquela noite do «Olhai, olhai bem, ó Lobos!» só ela e eu restamos como testemunhas; Raksha, tua mãe adotiva, é morta; teu pai adotivo é morto; a velha Alcatéia daquele tempo já não existe; tu sabes o fim que teve Shere Khan e viste Akela acabar entre os dholes, os quais nos teriam destruído se não fosses tu. Só vejo ossos, velhos ossos. Hoje não é o Filhote de Homem que pede licença à sua Alcatéia - é o Senhor da Jângal que resolve mudar de caminho. Quem pedirá contas ao Homem do que êle quer ou faz?

- Bagheera e o Touro que me comprou! respondeu Mowgli. Eu jamais. . .

Suas palavras foram interrompidas por um rumor nas moitas próximas. Lépidia, forte e terrível como sempre, Bagheera vinha de saltar para dentro do grupo.

- «Por isso», disse ela estirando o corpo, não vim. Andei em caçada longa, mas êle está morto na macega – um touro de dois anos: o touro que vai libertar-te, Irmãozinho! Todas as dívidas ficam assim pagas. E para mais que seja pedido, haverá a palavra de Bagheera e a palavra de Baloo.

A pantera negra lambeu os pés de Mowgli.

- Lembra-te que Bagheera te ama, disse por fim, retirando-se dum salto. No sopé da colina entreparou e gritou: Boas caçadas em teu novo caminho, Senhor da Jângal! Lembra-te sempre que Bagheera te ama.

- Tu a ouviste, murmurou Baloo. Nada mais há a dizer. Vai agora, mas antes vem a mim. Vem a mim, ó sábia Râzinha!

- É difícil arrancar a pele, murmurou Kaa, enquanto Mowgli rompia em soluços com a

Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006  
cabeça junto ao coração do urso cego, que experimentava lambê-lo os pés.  
- As estrelas desmaiam, concluiu o Lobo Gris, de olhos erguidos para o céu. Onde me  
aninharei amanhã? Porque doravante os caminhos são novos...  
Esta é a última das histórias de Mowgli.

## Canto final

### BALOO

*Por amor de quem um dia  
Mostrou, Rã, segura via  
Por Baloo, ouve: Respeia  
A lei pelos homens feita.  
Clara ou não, seja qual for,  
Segue-a com maior fervor,  
Brilhe o sol e seja dia,  
Seja então noite sombria  
Sem pai-a os lados olhar.  
Por quem é capaz de amar*

*A ti sobre todo o mundo,  
Se os teus te ferirem, fundo,  
Dize: Canta, Tabaqui!  
Se quiserem te magoar:  
Shere Khan pode matar!  
Se o punhal se ergue tremendo  
Vai à lei obedecendo.  
(Palma, baga, mel, raiz,  
Guarda do mal o petiz).  
Água e lenho, árvore e vento  
convosco o favor da Jângal  
Siga por esse momento.*

### KAA

*O ódio é o ovo do Terror -  
Sem pálpebra o olho vê melhor.  
Veneno de cobra não cura.  
Fala de cobra - oh, coisa obscura -  
E a força sempre se associa  
Por essa terra à cortesia.  
Sobre um ramo que apodreceu  
Não deixeis nunca o peso teu.  
Mede a tua fome estas gazelas  
Não sufoquem olhos as goelas.  
Dormirás depois de saciado  
Num antro profundo e apartado,*

*De medo que a vida - ó Destino -  
Conduza a ti teu assassino.  
Por todos os pontos cardeais  
Tu não irás conversar mais.  
(Fossa ou fenda ou celeste veio,  
Segui-o, sim, Jângal do meio).  
Água e lenho, árvore e vento,  
convosco o favor da Jângal  
Siga por este momento.*

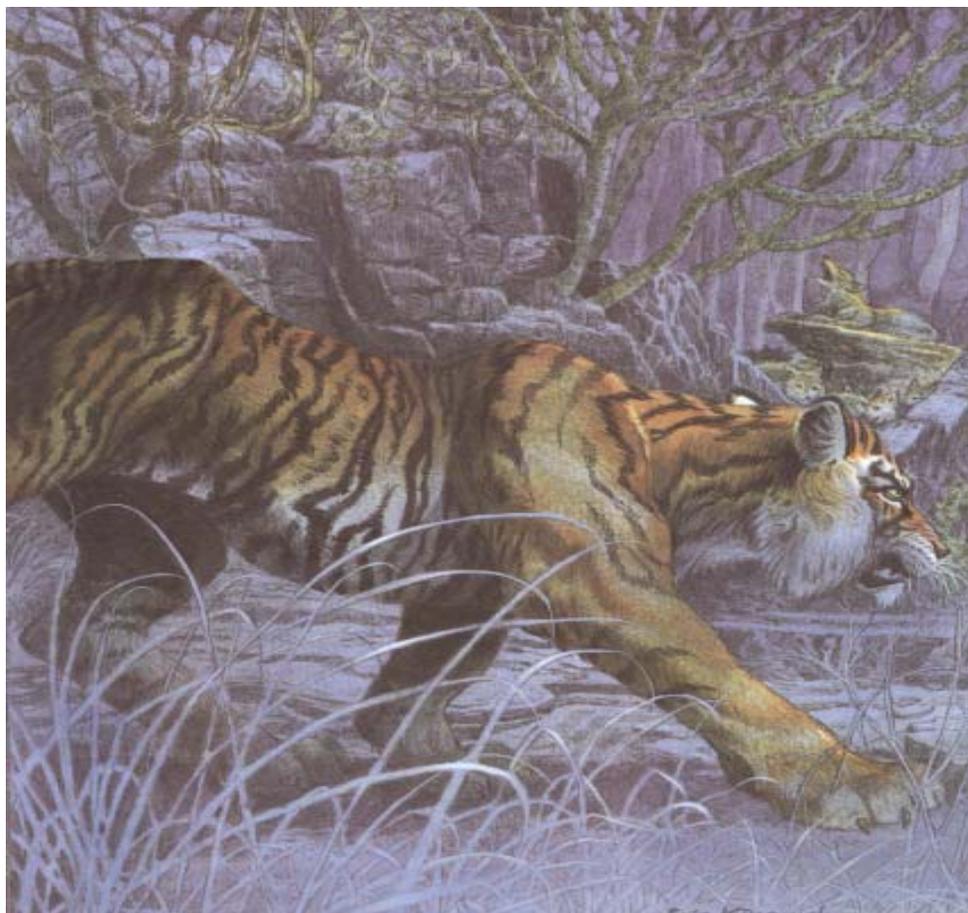
## **BAGHEERA**

*Numa gaiola eu comecei,  
Os caminhos do homem eu sei.  
À luz dos astros brilhantes  
Não siga os gatos errantes.  
Clã ou conselho, em caça ou não,  
Os chacais eviteis então.*

*E eles comem a mudez  
Quando dizem de uma vez:  
"Vem a nós! É bom o trilho!"  
Se quiserem teu auxílio  
Contra o fraco, eles te imploram,  
E o silêncio eles devoram.  
Ao símio o orgulho falaz!  
Traz a tua presa em paz.  
Na caça nem um clamor  
Te afaste seja como for.  
Oh, poentes iluminados  
Servi-os, vigias dos veados!  
Água e lenho, árvore e vento,  
convosco o favor da Jângal  
Siga por esse momento.*

## OS TRÊS

*Por teu caminho, viajor,  
Que vai ao limiar do Terror,  
Onde se entreabre a rubra flor;  
Nas noites em que sonharás  
Imerso em grande, longa paz,  
Escutarás o teu amor.  
Nas manhãs em que despertarei  
cheio de penas singulares  
Sofrendo por amor da Jângal.  
Água e lenho, árvore e vento,  
ciência e força e cortesia,  
O Favor da Jângal  
Agora vos acompanhada.*



## O ANKUS DO REI

*Quatro são as coisas nunca satisfeitas:  
nunca se  
encheram depois do Primeiro Orvalho!  
A boca de Jacala, o buxo do milhano, as  
mãos do  
símio e os olhos do Homem.  
Provérbio da Jânga!*



Kaa, a velha Serpente da Rocha, estava mudando a pele pela ducentésima vez desde o seu nascimento; e Mowgli, que jamais se esquecera de que naquela terrível noite passada nas Tocas Frias lhe ficara a dever a vida, foi levar-lhe felicitações. Mudança de pele sempre torna as serpentes mal-humoradas e deprimidas, estado de ânimo que perdura até que a nova vestimenta brilhe em toda a sua beleza. Kaa nunca mofou de Mowgli, antes o aceitou, a exemplo dos demais filhos da Jânga, como o Senhor, comunicando-lhe tudo o que uma Serpente do seu porte está em condições de vir a saber. O que Kaa não sabia a respeito do que chamam a Jânga Média - a vida que se desdobra em perpétuo contato com o chão, ou debaixo dele, a vida dos buracos, das tocas, dos ocos - estava entretanto escrita nas menores das suas escamas.

Aquela tarde Mowgli reclinou-se na rodilha que a Serpente enrolada fazia no solo, e suspendeu no dedo a velha pele ressecada, toda amarrotada e retorcida, que jazia entre as pedras. Kaa havia operado a muda ali. Muito cortesmente Kaa se ajeitara sob os largos ombros nus do rapaz, que ali ficou como se estivesse repousando em preguiçosa cadeira viva.

- Até às escamas rente aos olhos está perfeita, disse Mowgli examinando a pele velha. É estranho isto de vermos toda a casca do nosso corpo aos nossos pés!
- Ai, não tenho pés, disse Kaa, e como ninguém os tem na minha raça, nada acho de estranho. A tua pele não fica às vezes velha e dura?

- Quando a sinto assim, atiro-me à água; mas a verdade é que nos grandes calores muitas vezes desejei libertar-me da pele em fogo e correr pela floresta esfulado.
- Eu também me atiro à água para meus banhos, e independente disso mudo de pele. Que te parece o meu novo capote?

Mowgli correu a mão pelo dorso malhado da serpente.

- A Tartaruga tem dorso mais duro, mas não tão alegre, disse sentenciosamente. O da Rã é mais alegre, mas não tão rijo. É realmente lindo de ver-se, o teu capote - parece o pintalgado dum cálice de lírio.

- Está precisada d'água. Pele nova nunca adquire a cor definitiva antes do primeiro banho. Vamos a ele.

- Eu te carregarei, disse Mowgli baixando-se, a rir, para erguer o grande corpo de Kaa pelo meio, justamente na parte da maior grossura. Era o mesmo que tentar erguer nas mãos dois metros de mar. A serpente permaneceu de corpo mole, largada, divertida com aquilo. Depois começou a brincadeira de todas as manhãs - Mowgli, em toda a pujança da sua força, e a serpente, renascida com a muda de pele, puseram-se de pé um contra o outro para luta corpo a corpo - luta de músculo e de olhar. Kaa sem dúvida teria esmagado Mowgli e mais dez, se o rapaz lhe deixasse pega; mas tão cuidadosamente conduzia ele a luta, que nunca perdia um décimo da sua força. Como fosse Mowgli bastante forte para ser tratado com certa brutalidade, Kaa lhe ensinara aquelas defesas em que se fizera mestre. Às vezes ficava enrolado até quase à garganta pelos anéis constritores de Kaa, esforçando-se por libertar um braço a fim de segurar a serpente pela garganta. Então Kaa desatava-se flexuosamente e Mowgli, com agilíssimos pés, procurava impedi-la de firmar a cauda nalgum ressalto de rocha. E balançavam-se assim dum lado e doutro, cabeça fronteando cabeça, cada qual procurando tirar partido da menor chance, até que o grupo escultural se desmanchasse numa trapalhada de braços e pernas por entre movediços anéis malhados de amarelo e preto.

- Agora! Agora! Agora! exclamava Kaa, armando fintas de cabeça que as mãos rápidas de Mowgli procuravam aparar. Vê! Toquei-te no pescoço, Irmãozinho! E toquei aqui! E aqui! Estão dormindo tuas mãos? E aqui, agora! E aqui!

A luta terminava sempre da mesma maneira - com um golpe de cabeça que punha o menino fora de combate. Mowgli nunca pôde descobrir a defesa para esse fulminante ataque - e era inútil tentar descobri-la, dizia Kaa.

- Boa caçada! silvou Kaa por fim, e Mowgli, como sempre, foi lançado a alguns metros de distância, ofegante, mas a rir. Ergueu-se com os dedos cheios do capim a que se agarrara e seguiu Kaa rumo ao seu predileto ponto de banho - um profundo poço de águas negras, rodendo de pedras limosas. Raizame de velhos troncos semi-imersos davam aspecto pitoresco ao banheiro. O rapaz escorregou para dentro d'água à maneira da Jângal, isto é, sem o menor rumor, e mergulhou; emergiu depois, sempre silenciosamente, e boiou com as mãos cruzadas na nuca e os olhos na lua que se erguia por cima das pedras. Com os dedos dos pés quebrava os reflexos da luz n'água. A cabeça nítida de Kaa cortou o líquido como navalha e veio repousar no ombro de Mowgli. Ficaram ambos imóveis, embebidos com deleite na água fria.

- É realmente bom, disse por fim Mowgli sonolentemente. A estas horas, já na Alcatéia

dos Homens, deitam-se eles em jiraus duros e, depois de fechadas todas as portas e janelas dos mundéus de barro em que vivem, para que nenhum ar puro penetre, cobrem as cabeças com sujos panos e sonham maus sonhos, que saem pelo nariz em roncos. Muito melhor a vida na Jângal.

Uma apressada cobra deslizou para a beira d'água, bebeu, deu-lhes «Boa caçada!» e foi-se.

- Sssh! silvou Kaa, como a recordar-se de alguma coisa. Com que então toda a Jângal te dá o que sempre desejava, Irmãozinho?
- Não tudo, observou Mowgli sorrindo; fosse assim, e haveria na Jângal um novo Shere Khan, forte bastante para caçar até a lua. Mas hoje posso matar o que quero sem pedir auxílio a búfalos. Nunca volto de mãos vazias.
- Não tens nenhum desejo? perguntou a serpente.
- Que mais poderia desejar? Tenho a Jângal e o favor da Jângal! Haverá mais alguma coisa no mundo?

Kaa começou:

- E então a Cobra disse...
- Que cobra? interrompeu Mowgli. Esta que aqui apareceu inda há pouco? Estava caçando?
- Outra cobra.
- Tu lidas muito com o Povo Venenoso. Eu evito-o. Levam a morte nas presas e isto não é bom - sendo criaturas muito pequeninas. Mas que cobra é essa de que falas?

Kaa circulou lentamente no pescoço, como um navio no mar. Depois disse:

- Três ou quatro luas passadas fui caçar nas Tocas Frias, que conheces, e a «coisa» que eu perseguia fugiu, ganindo, para aquela casa cuja parede derrubei para salvar-te. Fugiu e mergulhou na terra.
- Mas o povo das Tocas Frias não vive em buracos, observou Mowgli, visto que Kaa se referia ao Povo Macaco.
- Aquela «coisa» procurava viver, disse Kaa com um tremor na língua. Correu a meter-se num buraco que ia longe. Alcancei-a, depois de matá-la, dormi. Quando despertei, segui para adiante.
- Debaixo da terra?
- Sim, e fui até encontrar a Cobra Branca, a qual me falou de coisas acima da minha compreensão e mostrou-me outras que eu nunca vira antes.
- Caça nova? Boa caça? perguntou vivamente Mowgli.
- Não era caça - e nelas se teriam quebrado todos os meus dentes; mas a Cobra Branca disse que qualquer homem - ela falava como quem conhece a raça - que qualquer homem daria as próprias costelas apenas para ver aquilo.
- Precisamos ir lá, disse Mowgli. Agora me lembro que já fui homem.
- Devagar, devagar. Foi a pressa que matou a Serpente de Ouro, que comeu o sol. Mas conversamos dentro do buraco sobre ti, Irmãozinho. Disse a Cobra Branca, que é realmente tão velha quanto a Jângal. «Faz muito tempo que não vejo um homem. Traze-o a esse aqui, para que contemple todas estas coisas pelas quais os homens se matam».
- Essas coisas «devem» ser caça nova! disse Mowgli sempre com a mesma idéia.
- Não é caça. É... é... não sei dizer o que é.

- Vamo-nos para lá. Nunca vi a Cobra Branca e desejo conhecer essas outras coisas. Havia ela matado essas coisas?
- São coisas sem vida. A Cobra Branca não passa de guardiã delas.
- Ah! Fica como lobo sobre a carne que traz para a caverna! Pois vamos vê-la.

Mowgli nadou até a margem e deixando a água rolou na areia para enxugar-se; em seguida dirigiram-se os dois pára as Tocas Frias, a Cidade Perdida onde Mowgli já estivera. Mowgli ficara sem o menor medo aos macacos desde aquele dia, mas o Povo Macaco tinha-lhe pavor. As várias tribos dos «Bandar-log» estavam naquele dia correndo a Jângal, de modo que as Tocas Frias apareceram desertas sob o luar. Kaa dirigiu-se às ruínas do pavilhão da rainha, que ficava no terraço; deslizou sobre a calça morta e mergulhou pela semidesfeita escadaria, cujo patamar era no centro do pavilhão.

Lá Mowgli desferiu o Grito das Serpentes: «Somos do mesmo sangue, eu e vós», e seguiu Kaa de rasto. Ambos se esgueiraram durante muito tempo por uma passagem em declive ziguezagueante, até chegarem a um ponto onde a raiz de alguma grande árvore, que se erguia lá fora sobre suas cabeças, deslocara os sólidos blocos de pedra do muramento. Passando pela abertura assim feita, alcançaram uma ampla cava de teto igualmente rompido em vários pontos pelas raízes das árvores sobrejacentes. Por essas fendas uma pouca de luz filtrava-se na escuridão.

- Bom antro, mas muito afastado para ser-nos útil, disse Mowgli erguendo-se de pé. E agora? Que temos por aqui?
- Não serei eu alguma coisa? foi a resposta duma voz saída do meio da cava.

Mowgli viu algo branquicento mover-se, até que, pouco a pouco, teve diante dos olhos, ereta, a maior cobra que jamais vira, branqueada inteira, dum branco pálido de velho marfim, pela longa vida na escuridade. Até as marcas do seu capelo distendido pelejavam para o mais desmaiado amarelo.

Seus olhos eram rubis.

- Boa caçada! disse-lhe Mowgli, que nunca abandonava as suas boas maneiras - nem a sua faca.
- Que tal a cidade? perguntou a Cobra Branca sem responder à saudação. Que tal a grande cidade murada, a cidade de cem elefantes e vinte mil cavalos e gado inúmero - a cidade do Rei de Vinte Reis? Fiquei surda aqui, creio, porque de há muito não ouço o som dos gongos de guerra.
- Na Jângal, que fica sobre as nossas cabeças, não há nenhuma cidade, respondeu Mowgli. De elefantes só conheço Hathi e seus filhos. Bagheera matou todos os cavalos que havia e... que quer dizer Rei?
- Já te disse, observou Kaa para a Cobra Branca, já te disse, quatro luas atrás, que a cidade não existe.
- A cidade - a grande cidade da floresta cujas portas são guardadas pelas torres do Rei - não pode deixar de existir. Eles a construíram antes que o pai de meu pai saísse do ovo e ela durará enquanto os filhos de meus filhos forem brancos como sou. Salomdhi, filho de Chandrabija, filho de Viyeja, filho de Yegasuri, erigiu-a nos tempos de Bappa Rawal. Que espécie de gado és tu?
- Pista perdida. Não entendo nada do que ela diz, observou Mowgli voltando-se para Kaa.

- Nem eu. Está muito velha. É a Mãe das Cobras.
- Quem é «êsse», disse a Cobra Branca, que se senta diante de mim sem medo nenhum, que desconhece o nome do Rei e assobia a nossa linguagem por entre lábios de homem? Quem é esse que usa faca e sabe a língua das cobras?
- Mowgli me chamam, foi a resposta. Sou da Jângal. Os lobos são a minha raça e aqui, Kaa, é minha irmã. Mãe das Cobras, quem és tu?
- Sou Guardiã dos Tesouros do Rei. O Rajá Kurrun construiu esta abóbada sobre mim, nos tempos em que minha pele era colorida, para que eu aqui ficasse a ensinar a morte aos que aparecessem. Depois seus homens derramaram tesouros dentro da cava e ouvi o canto dos Brâmanes, meus senhores.
- Hum! murmurou Mowgli para si próprio ao ouvir falar em Brâmane. Já lidei com um na aldeia e sei o que valem. Uma calamidade qualquer vai cair sobre nós.
- Cinco vezes, desde que estou aqui, foi a pedra de fecho erguida, mas sempre para dar entrada a mais tesouros, nunca para retirar algum. Não existe riqueza igual a este tesouro de cem Reis. Mas já faz muito tempo que a pedra não é levantada e penso que minha cidade está esquecida.
- Não há cidade nenhuma, insistiu Kaa. Olha para cima. Raízes de árvores deslocam as pedras. Árvores e homens não vivem juntos, bem sabes.
- Duas, três vezes homens apareceram por aqui, respondeu com aspereza a Cobra Branca, mas nunca falavam antes que eu me chegasse a eles, tateando no escuro - e então gritavam todos a um tempo - por pouco tempo. Mas tu vens com mentiras, tu, Homem-Cobra, e queres que eu creia que a cidade não existe e que minha função de guarda não tem mais motivo de ser! Pouco mudam os homens com o tempo. Mas «eu» não mudo nunca! Enquanto os Brâmanes não voltarem cantando os cantos que sei, e me alimentarem com leite morno e me levarem para a luz novamente, Eu, Eu, «Eu» e ninguém mais, serei a Guardiã dos Tesouros do Rei. A cidade está morta e as raízes das árvores o provam? Entra, então, e tira o que quiseres. Não existem tesouros iguais a estes. Homem com língua de serpente, se saíres vivo por onde entraste, o Rei será teu escravo.
  
- Está perdida a pista, murmurou Mowgli friamente. Terá algum chacal mordido esta grande cobra capelo? Está louca, sem dúvida nenhuma. Mãe das Cobras, nada vejo aqui que valha a pena levar.
- Pelos Deuses do Sol e da Lua, a loucura da morte caiu sobre o rapaz! silvou a cobra. Antes que teus olhos se fechem vou favorecer-te com a visão do que homem nenhum, viu ainda.
- Não anda bem na Jângal quem fala a Mowgli de favores, rosnou o rapaz entre dentes, mas as trevas tudo mudam, eu sei. Verei isso se te dá prazer.

Mowgli correu os olhos pela cova e depois ergueu do solo um punhado de coisas rebrilhantes.

- Oh! exclamou êle, isto me lembra os discos que circulam na Alcatéia dos Homens. A diferença única é que estes são amarelos e os de lá eram pardos.

Mowgli deixou cair as moedas que apanhara e caminhou para diante. O chão mostrava-se atulhado, na altura de cinco ou seis pés, de moedas de ouro e prata, extravasadas dos sacos onde primitivamente foram contidas. Com os anos o metal havia-se acamado, qual areia da praia depois que a onda se retira. Dessa cama de ouro e prata

erguiam-se, como destroços semi-enterrados se erguem na areia, howdahs(1) de prata embossada, com arabescos de ouro embutido e cravejamento de carbúnculos e turquesas. Havia palanquins e liteiras de rainhas, de prata e esmalte, com tirantes de jade e argolame das cortinas de âmbar; castiçais de ouro com anteparos feitos de grandes safiras furadas; imagens de deuses esquecidos, com cinco pés de altura, feitas de prata e com olhos de gema; cotas de malha de ouro entremeado com aço e franjadas de pérolas; elmos incrustados de rubis sangue de pombo; escudos de laca, de tartaruga, de couro de rinoceronte, embutidos de ouro e pedrarias; punhos de espadas rutilantes de gemas, adagas, facas de caça; vasos de ouro para sacrifícios e caçoulas e altares portáteis de formas que nunca viram a luz do dia; taças de jade e braceletes; turíbulos, pentes, vasos de perfume, vasos de hena e de pós para os olhos, tudo de ouro; anéis para o nariz, pulseiras, diademas, brincos sem conta; cintos largos embutidos de fieiras de diamantes, esmeraldas e rubis; grandes caixas com a madeira já reduzida a pó mostrando as reservas de safiras, opalas, olhos-de-gato, rubis, diamantes, esmeraldas e águas-marinhas em estado bruto.

A Cobra Branca tinha razão. Dinheiro nenhum pagaria o valor daqueles tesouros, que representavam séculos de pilhagens na guerra, de exações, de roubos, de compras. As moedas por si já eram sem preço; as pedrarias ficavam fora de qualquer conta. O peso bruto do ouro e prata representaria muitas toneladas. Cada rajá na Índia de hoje, embora pobre, possui sempre um tesouro que não cessa de aumentar, e embora de vez em quando mande um deles quarenta ou cinqüenta carros de prata para ser trocada por títulos do Governo, o total desses tesouros fica desconhecido.

Mowgli naturalmente não compreendeu o que aquelas coisas significavam. As facas o interessaram, mas não tinham o bom jeito da sua, de modo que



as lançou fora. Por fim encontrou algo realmente fascinante, encostado a um dos howdahs semi-imersos no lastro de moedas. Era um «ankus» de três pés, ou agulhão para elefantes, que lembrava um gancho de bote. No topo encastoava-se um enorme rubi redondo; oito polegadas abaixo, no cabo, havia uma larga cercadura de turquesas brutas, embutidas fundo, que dava muito cômodo ao pegar; mais abaixo, um volteio de jade esculpido de flores de rubi e folhas de esmeralda. O resto do cabo fora feito de puro marfim. A ponta - o espeto e o gancho - eram de aço embrechado de ouro, com lavrados representando caçadas de elefantes. Os desenhos seduziram Mowgli, que viu algo relembrativo de seu amigo Hathi, o Silencioso.

A Cobra Branca o seguia rente.

- A visão disto não vale a morte? perguntou ela, Não te fiz eu um grande favor?  
- Não te compreendo, respondeu Mowgli. Estas coisas são duras e frias, de nenhum modo boas para comer. Mas isto - e dizendo-o ergueu do monte o ankus - vou levar comigo para o examinar à luz do sol. Disseste que era tudo teu. Dá-me isto, que te trarei três rãs para comer.

A Cobra Branca estremeceu com perverso deleite.

- Certo que te darei, disse. Tudo que está aqui te darei, enquanto aqui estiveres.  
- Mas vou-me indo. Este lugar é muito escuro e frio e desejo levar já o gancho para a Jângal.  
- Olha para rente a teus pés. Que vês?

Mowgli apanhou um objeto branco e liso.

- Parece crânio de homem, respondeu calmamente. E ali adiante vejo mais dois.  
- São dos homens que vieram roubar o tesouro, anos atrás. Falei-lhes no escuro - e eles silenciaram para sempre.  
- Mas para que quero isto que chamas tesouro? Se me dás o ankus, ficarei agradecido. Se não, ficarei agradecido do mesmo modo! Não brigo com o Povo Venenoso, do qual sei a Palavra Mestra.  
- Aqui não valem palavras mestras, Só vale a minha palavra.

Kaa avançou com os olhos em fogo.

- Quem me pediu que o trouxesse? silvou ela.  
- Eu, certamente, assobiou a cobra. Fazia muito que não avistava um homem e esse, além do mais, sabia nossa língua.  
- Mas não foi para que o matasses! Como posso voltar para a Jângal e dizer que eu mesma o trouxe para a morte? silvou Kaa.  
- Não falei em mata-lo antes que fosse tempo, e, quanto a voltares para a Jângal, está ali uma passagem às ordens. Paz, paz, Senhora Come-Macacos! Basta que eu toque na tua cabeça e jamais a Jângal ouvirá falar de ti. Sou a Guardiã dos Tesouros do Rei.  
- Mas, ó verme branco das trevas, já te disse e redisse que não há mais nem rei, nem cidade em cima de nós! Gritou Kaa.  
- Há ainda o tesouro. Espera um pouco, minha Kaa das Rochas, e assiste à corrida do

rapaz. Há aqui bom espaço para o esporte. A vida é boa. Corre de lá para cá por uns instantes, rapaz. Treina os músculos.

Mowgli pousou a mão na cabeça de Kaa.

- Essa brancura só lidou até agora com homens da Alcatéia. Não me conhece. Quer luta. Pois que a tenha, sussurrou ele.

Mowgli estava de pé, com o ankus mantido de ponta para baixo. Lançou-o, num golpe instantâneo. O ankus caiu de través logo abaixo do capelo da cobra e a fixou no chão. Quase ao mesmo tempo Kaa empregava todo o peso do seu corpo em paralisar os movimentos convulsos da cobra, da ponta da cauda à cabeça.

- Mata! ordenou Kaa a Mowgli, que estava de faca em punho.

- Não, respondeu ele. Nunca matarei senão por fome, Mas olha, Kaa! disse agarrando a cobra pela garganta, forçando-a a abrir a boca com a lâmina da faca mostrando os terríveis dentes da maxila superior já estragados.

A Cobra Branca havia vivido mais do que seu veneno.

- «Thuu» (está sêco), disse Mowgli.

E, movendo Kaa dali, tirou o ankus de cima da Cobra Branca, que coleou livre.

- Os Tesouros do Rei precisam de novo guarda, disse ele gravemente. Thuu, tu não te comportaste bem. Vamos! Corre de lá para cá por uns instantes, Thuu! Treina os músculos, Thuu!

- Desgraçada que sou! Mata-me! silvou a Cobra Branca.

- Já muito falamos de matar. Chega. Vou-me embora, Thuu, e levo comigo este gancho, porque lutei e te venci.

- Cuidado que não te mate ele, por fim! Esse objeto significa Morte! Lembra-te, é a Morte! Basta para matar todos os homens da minha cidade. Não o reterás por muito tempo, Homem da Jângal, nem aqueles que o obtiverem de ti. Eles irão matar, matar, matar para salvação própria! Minha força de veneno extinguiu-se mas o ankus fará o trabalho que já não posso fazer. Ele é Morte! Ele é Morte! Ele é Morte!

Mowgli tomou o caminho por onde viera, de rasto e ao sair dali a última visão que teve foi da Cobra Branca mordendo furiosamente a cara dos deuses caídos por terra.

- Ele é Morte! continuava ela a silvar.

Ambos sentiram prazer em alcançar de novo a luz do dia e quando chegaram à sua Jângal, Mowgli fez o ankus brilhar ao sol da manhã e mostrou-se contente como se houvesse colhido uma flor rara para espetar nos cabelos.

- Brilha mais do que os olhos de Bagheera, disse com deleite referindo-se aos rubis. Mas que queres Thuu significar quando falou em morte?

- Ignoro, respondeu Kaa. Só lamento que tua faca não houvesse completado o serviço. Nas Tocas Frias há sempre maldade, em cima do chão e debaixo do chão. Mas sinto fome. Queres caçar comigo esta manhã?

- Não. Tenho que mostrar isto a Bagheera. Boa caçada, Kaa! terminou Mowgli floreteando no ar o magnífico ankus. E lá se foi, entreparando pelo caminho para admirar a jóia, até que chegou ao ponto da Jângal que Bagheera de preferência freqüentava. Encontrou-a bebendo; já havia caçado. Mowgli contou-lhe suas aventuras de começo a fim e a pantera farejou o ankus várias vezes. Quando Mowgli referiu as últimas palavras da Cobra Branca, Bagheera rosnou aprovativamente.

- Nasci nas jaulas reais de Odeypore e conheço alguma coisa a respeito dos homens. Muitos se matarão entre si por causa desta pedra vermelha apenas.

- Mas as pedras o tornam pesado ao manejo. Minha pequena faca vale mais; e - veja! as pedras vermelhas não têm gosto, não servem para comer. Por que então os homens se matam por elas?

- Mowgli, vai dormir. Tu já viveste entre os homens e...

- Lembro-me. Os homens matam por desafio e prazer. Acorda, Bagheera. Fala. Qual seria o uso deste gancho?

Bagheera, a pender de sono, entreabriu os olhos com expressão de malícia.

- Foi feito para ferir na cabeça aos filhos de Hathi, de modo que o sangue jorre. Já observei em ação nas ruas de Odeypore, defronte da minha jaula. Este objeto já provou o sangue de muitos Hathis.

- Mas por que ferem na testa aos elefantes?

- Para lhes ensinar a Lei dos Homens. Não tendo, por natureza, nem garras de águia, nem dentes de tigre, o homem inventa coisas destas - e ainda piores.

- Quanto mais os conheço, mais sangue vejo nas coisas que a Alcatéia dos Homens fabrica, murmurou Mowgli com repugnância e já meio cansado de trazer o ankus. Se tivesse sabido disso não o teria tomado. Primeiro vi o sangue de Messua nas chibatás, agora vejo o de Hathi neste gancho. Não ficarei com ele. Olha!

O ankus voou pelos ares, a cintilar, e foi fincar-se de ponta a trinta jardas dali, entre as árvores.

- Deste modo ficam minhas mãos limpas de Morte, disse Mowgli esfregando as palmas na terra úmida do orvalho. Thuu disse que a Morte me seguiria. Ela é velha e branca e louca.

- Branca ou preta, velha ou não, vou dormir, Irmãozinho. Não posso caçar o dia inteiro e a noite inteira, como fazem alguns.

Bagheera retirou-se para uma caverna que conhecia a duas milhas daquele ponto. Mowgli trepou a uma árvore, atou vários cipós entre si e em menos tempo do que leva o narrar estava balançando-se numa rede a cinqüenta pés do solo. Embora não tivesse nenhuma objeção contra a luz forte do dia, Mowgli costumava seguir os hábitos dos seus amigos da Jângal, utilizando-se da luz do sol o menos possível. Quando mais tarde despertou com o vozeio do povo que vive nos galhos, era madrugada. Passara a noite sonhando com as belas pedras que havia lançado fora.

- Posso ao menos ver o gancho outra vez, murmurou consigo, deslizando árvore abaixo por um cipó.

Bagheera estava ao pé do tronco. Mowgli percebeu-lhe a respiração antes de pôr pé em terra.

- Onde foi parar o gancho? exclamou ele.
- Um homem o levou. Vejo-lhe aqui as pegadas.
- Então temos de verificar se Thuu falou a verdade. Se o gancho significa realmente Morte, o homem deve morrer. Sigamo-lo.
- Matemos primeiro, disse Bagheera. Estomago vazio distrai os olhos. Os homens caminham vagarosamente e a Jângal está bastante úmida para guardar as pegadas deste.

Os dois amigos mataram o mais depressa possível, mas já eram três horas quando, terminada a refeição e dessedentados, se puseram a seguir as pegadas do homem. O Povo da Jângal sabe que nada deve preceder às refeições.

- Supões que o gancho se voltará contra o homem e o matará? perguntou Mowgli. Thuu disse que significa Morte.
- Havemos de ver isso, respondeu Bagheera trotando de cabeça baixa, a observar as pegadas. É um par de pés só (queria dizer que se tratava apenas dum homem) e o peso do gancho faz com que o seu calcanhar afunde na terra úmida.
- Ai! Isto é claro como relâmpago de verão, ajuntou Mowgli.

E ambos apertaram o passo com os olhos nas pegadas frescas,

- Aqui apressou ele a marcha, observou Mowgli, Correu. O molde dos dedos está mais esparramado.

Chegaram a um terreno úmido.

- Por que mudaria de rumo aqui? indagou Mowgli, observando súbita mudança.
- Atenção! exclamou Bagheera - e lançou-se para a frente, num salto de soberba elasticidade.

A primeira coisa a fazer quando um rasto se interrompe é saltar para diante, a fim de que novas pegadas não venham embaralhar as já existentes. Bagheera lá donde a pôs o salto, voltou-se para Mowgli, gritando:

- Vejo um novo rasto que vem ao encontro do primeiro. Pegadas menores, com marcas dos dedos volvidas para dentro.

Mowgli correu a ver.

- Marca de pé dum caçador Gond, disse ele. Olha! Aqui roçou ele o seu arco na relva. Foi por isso que o primeiro rasto mudou de rumo. Pé Grande escondeu-se de Pé Pequeno.
- Verdade, concordou Bagheera. Agora, para que andando juntos não estraguemos as pegadas, cada um seguirá uma das trilhas. Serei Pé Grande, Irmãozinho, e tu serás Pé Pequeno, o Gond.

Bagheera saltou para trás sobre a pista original e deixou que Mowgli acompanhasse o rasto do pequeno homem selvagem.

- Agora, disse a pantera movendo-se passo a passo ao longo da cadeia de pegadas, eu, Pé Grande, viro para cá, oculto-me atrás das pedras e fico imóvel. Tu me gritarás, dando conta do que observares, Irmãozinho.

- E eu, Pé Pequeno, sigo rumo das rochas, disse Mowgli tomando a outra pista. Sento-me rente às pedras, descansando sobre o braço direito o meu arco já entalado entre os dedos dos pés. Esperarei algum tempo para que a marca dos meus pés se faça funda aqui.

- Eu também, acrescentou Bagheera detrás das pedras. Esperarei descansando a ponta do ankus sobre uma laje. Ele escorrega. Risca um arranhão na pedra. Grita o que houver do teu lado, Irmãozinho.

- Um, dois galhos e um grande ramo quebrado! gritou Mowgli em tom baixo. Agora, como devo explicar «isto»? Ah! Está claro. Eu, Pé Pequeno, sigo fazendo barulho de modo que Pé Grande possa ouvir-me.

E moveu-se para além das rochas, passo a passo, entre as árvores, com a voz subindo de tom à medida que se aproximava duma pequena cachoeira.

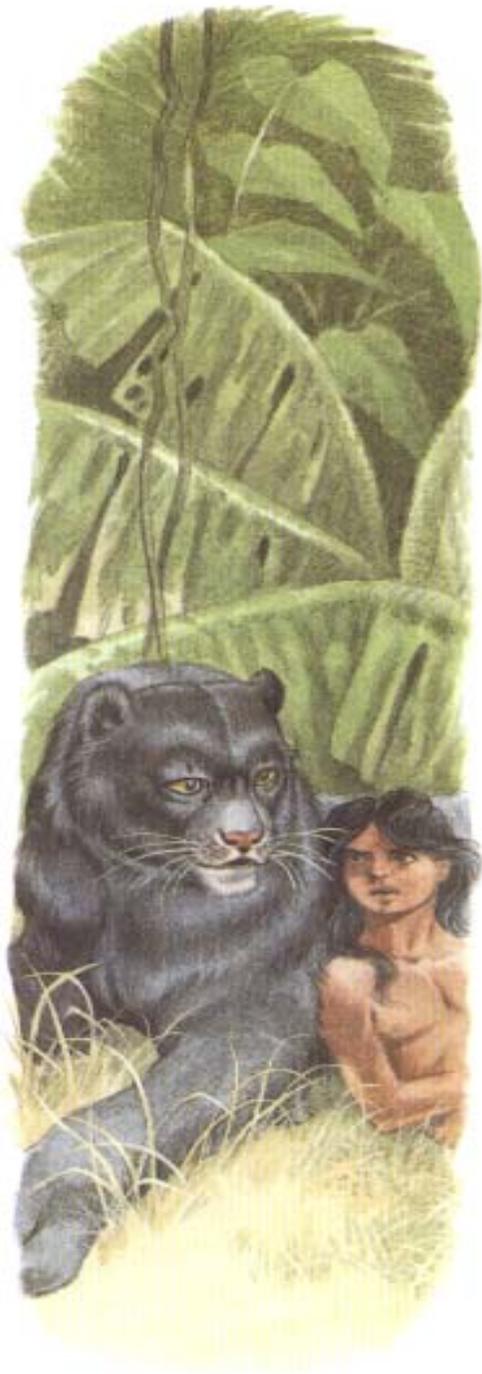
- Vou - para - onde - o - barulho - d'água - encobre - o rumor - que - faço; e - lá - espero. Grita a tua trilha, Bagheera de Pé Grande.

A pantera tinha estudado o terreno em todas as direções para ver como a pista de Pé Grande se conduzia a partir das pedras. Depois deu à língua:

- Sigo de agacho, a partir das pedras, arrastando o ankus. Não vendo ninguém, corro. Corro veloz. A trilha está clara. Sigamo-las, eu a minha, tu a tua. Estou correndo!

Bagheera ganhou avanço, a correr sobre a trilha clara e Mowgli seguiu as pegadas do Gond. Por algum tempo reinou silêncio.

- Onde estás, Pé Pequeno? gritou Bagheera.



A voz de Mowgli respondeu de cinqüenta jardas à direita.

- Hum! exclamou a pantera numa tossida profunda. Os dois seguiram lado a lado, aproximando-se um do outro cada vez mais.

Correram assim por meia milha, guardando mais ou menos a mesma distância até que Mowgli, cuja cabeça não andava tão próxima do chão como a de Bagheera, gritou:

- Encontraram-se. Boa caçada - olha! Aqui esteve Pé Pequeno com o joelho nesta pedra, e ali, Pé Grande.

A menos de dez jardas daquele ponto, estendido por terra, estava o corpo dum homem, com o peito atravessado por uma flecha das usadas pelos Gonds.

- Seria Thuu tão velha e louca como o supuseste, Irmãozinho? perguntou a pantera serenamente. Uma morte pelo menos existe.

- Continuemos. Mas onde está o bebedor de sangue de elefante - o gancho de olho vermelho?

- Pé Pequeno o detém, talvez. A pista agora é de um par de pés apenas.

As pegadas eram dum homem pequeno que viera até ali a correr com carga sobre o ombro esquerdo. Nenhum dos rastreadores falou até que a pista deu nas cinzas dum fogo extinto, escondido na ravina.

- Outro! exclamou Bagheera detendo-se, imóvel como pedra.

O corpo dum pequeno Gond jazia com os pés na cinza. A pantera olhou interrogativamente para Mowgli.

- Foi morto com um bambu, disse o rapaz depois de rápido exame. Já usei dessas varas com os búfalos, quando servia na Alcatéia dos Homens. A Mãe das Cobras (estou arrependido de a ter julgado mal) conhecia bem a raça dos homens, como começo eu a conhecê-la. Não te disse, Bagheera, que matam por desfastio?

- Mataram por amor à pedra vermelha e às azuis, objetou a pantera. Lembra-te de que já estive nas jaulas reais de Odeypore e conheço os homens.

- Uma, duas, três pegadas, disse Mowgli curvando-se sobre as cinzas. Quatro pegadas de homens calçados. Estes não caminham tão rápidos como o Gond. Que mal fêz o pequeno selvagem? Vê, confabularam todos juntos, os cinco, de pé, antes de matarem o Gond. Bagheera, voltemos. Meu estômago está cheio e apesar disso sobe e desce como um ninho de verdelhão na ponta dum galho.

- Não é de caçador prudente abandonar a caça, Segue-me, respondeu a pantera. Estes oito pés calçados não devem estar longe.

Nada mais conversaram durante toda uma hora, enquanto seguiam a larga pista dos quatro homens calçados.

Estava luminoso o dia, com sol quente. Bagheera farejou de súbito o ar e disse:

- Sinto fumaça,

- Os homens cuidam mais de comer do que de correr, observou Mowgli, trotando dentro da Jângal desconhecida que estavam explorando naquele dia. Bagheera, um pouco à

esquerda, desferiu de súbito um indescritível grito.

- Aqui está um que morreu comendo, disse ela. Uma trouxa de roupas alegremente coloridas mostrava-se aberta sob um arbusto; em redor, farinha derramada.

- Este também foi morto com a vara de bambu, observou Mowgli. Vê! Está aqui o pó branco de que os homens se alimentam. Mataram por isto. Levaram a farinha e deixaram a vítima como ceia para Chil, o Abutre.

- Três já! contou Bagheera.

- Vou levar boas rãs para a Mãe Cobra e hei de pô-la gorda, refletiu Mowgli consigo. O ankus, bebedor de sangue de elefante, é a própria Morte, não há dúvida - mas não posso compreender isto. . .

- Para a frentel gritou Bagheera.

Não tinham andado milha quando ouviram Ko, o Urubu, crocitando o canto da morte no topo dum tamarisco, a cuja sombra três homens jaziam deitados. Moribunda fogueira fumegava-lhes perto, sob um caldeirão de conteúdo semicarbonizado. Rente ao fogo e rebrilhante ao sol, o ankus cravejado de turquesas e rubis.

- Este gancho trabalha depressa! Tudo se acaba aqui, observou Bagheera. Como morreriam estes, Mowgli? Não vejo ferida em nenhum.

Um filho da Jângal aprende por experiência tudo quanto sabem os doutores sobre plantas e frutas venenosas. Mowgli cheirou a fumaça que ainda se erguia da fogueira, quebrou um pedaço do negro conteúdo do caldeirão, provou-o.

- A Maçã da Morte! exclamou,



cuspiu, Um deles envenenou a comida para matar aos três, e foi morto antes disso.

- Boa caçada, realmente! A Morte não perdeu tempo, disse Bagheera.

Maçã da Morte é como a Jângal chama a datura, o mais pronto veneno da Índia.

- E agora? perguntou a pantera. Teremos nós de nos matar um ao outro por amor deste facinoroso gancho de olho vermelho?

- Como fiz bem em deitá-lo foral murmurou Mowgli. Para nós não nos fará mal porque não desejamos o que os homens desejam. Se ficar aqui, por certo que continuará a matar homens, um atrás do outro, tão rapidamente como as castanhas caem em dia de vento.

- Que importa? Não passam de homens. Eles comprazem-se em matar uns aos outros, observou Bagheera. Este primeiro lenhador trabalhou bem com o seu veneno.

- São, afinal de contas, nada menos do que filhotes - e um filhote afoga-se n'água para morder a lua que nela se reflete. A culpa foi minha, decidiu Mowgli, que falava como se estivesse no segredo de todas as coisas. Nunca mais trarei para a Jângal objetos estranhos, ainda que sejam lindos como flores. Este - e pegou cautelosamente no ankus - voltará para a Mãe das Cobras. Mas antes temos de dormir, e não posso dormir perto destes dorminhocos. Vou enterrar o ankus para que não me fuja e va matar outros seis. Cava-me um buraco sob essa árvore, Bagheera.

- Mas, Irmãozinho, disse a pantera erguendo-se, digo-te que as mortes não vieram por culpa do bebedor de sangue. Não passou êle de mero instrumento dos homens.

- Dá na mesma, replicou Mowgli. Abre um buraco fundo. Quando acordar do meu sono, hei de levá-lo de novo para a covanca da Mãe das Cobras.

Duas noites mais tarde, quando a Cobra Branca, no escuro da cava, desgraçada, roubada e solitária, ia em meio de suas lamentações, o ankus surgiu zunindo por entre a brecha da abóbada, e veio cair no seu velho leito de moedas de ouro.

- Mãe das Cobras, disse Mowgli ( que se conservara cautelosamente do outro lado), arranja cobra nova e bem venenosa para guardiã dos Tesouros do Rei, de modo que homem nenhum saia da cova com vida.

- Ah-ah! Ele volta! Eu disse que esse objeto significava Morte. Como pois ainda estás vivo? silvou a cobra esfregando-se voluptuosamente no cabo do ankus.

- Pelo Touro que me comprou, não o sei dizer! Essa coisa matou seis homens numa noite. Não a deixes sair nunca mais...

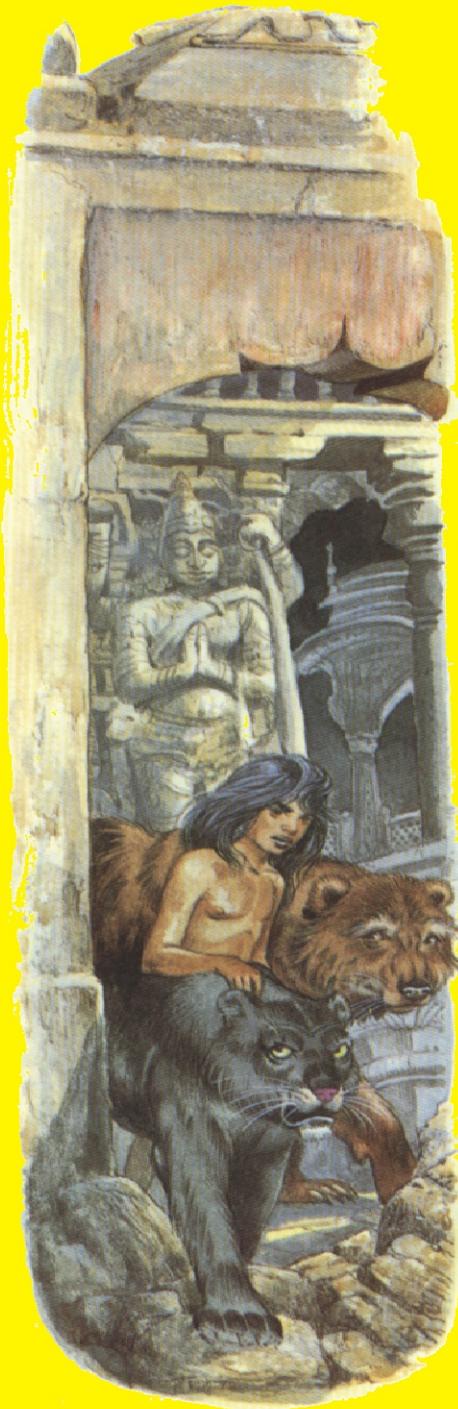
## Canção do pequeno caçador

Mor, o Pavão dormiu. O símio já não grita,  
Nem o milhano chil não erra pelo ar.  
Por toda a Jângal, cheios de infinita  
Doçura, há uma sombra em sopro a perpassar,  
É o medo, ó pequeno caçador!  
A sombra, foge, observa, espera, docemente,  
Amplia-se e desdobra-se o rumor.  
O suor te umedece agora a fronte algente.  
É o medo, o medo, ò pequeno caçador!

Antes que o luar, do monte, ilumine o rochedo,  
Quando, pendente, a cauda fica úmida e aflita,  
Um sopro vem a ti que, na noite, palpita.  
Pequeno caçador, é o medo! o medo!

Distende o arco de joelhos... solta a flecha fugace.  
Atira a tua lança na noite vazia!  
Desfibram-se-te as mãos; deixa-te o sangue a face!  
É o medo, caçador, que te arrepia!  
Na hora em que o céu suga a tormenta, na hora  
Em que cada pinheiro se esboroa,  
Nas trompas da tormenta a voz mais alta ecoa:  
Pequeno caçador, é o medo que apavora!  
A tempestade aumenta; desfaz-se o rochedo  
cada ramo ao corisco tremulo rebrilha.  
Batendo inquieto o teu coração estribilha:  
Pequeno caçador, é o medo! o medo!





- 1 - Os Irmãos de Mowgli  
- Quiquern
- 2 - As Caçadas de Kaa  
- Toomai dos Elefantes
- 3 - Como apareceu o medo  
- Jacala, o crocodilo
- 4 - O Milagre de Purun Baghat  
- Servidores da Rainha  
- Tigre! Tigre!
- 5 - Kotick, a Foca Branca  
- Os Cães Vermelhos
- 6 - O Avanço da Jângal  
- Rikki-Tikki-Tavi
- 7 - A Embriaguês da Primavera  
- O Ankus do Rei